

APRESENTAÇÃO

Neste volume, encontram-se inicialmente dois textos voltados para *Contre Sainte-Beuve* e a obra de Proust, com o intuito de retomar esse autor, no momento em que se iniciam os anos de centenário de produção e de publicação de suas obras.

Em 1907 e 1908, Proust iniciou a redação de *Contre Sainte-Beuve*, conjunto de textos que contém, entre outros, o que escreveu contra a concepção beuviana da crítica literária, a qual consistia em explicar a obra pela vida de seu autor. Segundo ele, Sainte-Beuve, que havia bem julgado os clássicos, enganara-se em relação a seus contemporâneos, ao utilizar, para conhecê-los, a correspondência dos autores ou informações de conhecidos, tendo em vista que “[...] um livro é o produto de outro **eu** que não aquele manifestado em nossos hábitos, na sociedade, em nossos vícios.” (PROUST, 1954, p.50)¹. E Proust apresentava seu método, que tendia a considerar a própria obra, sem levar em conta suas ligações biográficas.

Abrindo o volume, encontra-se o texto de Bernard Brun, coordenador do grupo que trabalha com Proust no ITEM (CNRS), intitulado, justamente, “*A la recherche de Contre Sainte-Beuve*”. Nele, Brun explica as razões de as edições e traduções dessa obra serem todas diferentes umas das outras. É que, Bernard Fallois² (1954, p.9), ao publicá-la pela primeira vez em 1954, revela que “a obra inédita não existe”. Trata-se de uma fabricação de livraria (Gallimard), a qual se serviu de papéis inéditos e póstumos, simples projetos, anotações e rascunhos não destinados a ser publicados. Os editores e tradutores escolheram, assim, manuscritos de textos diversos redigidos por Proust em torno de 1908-1909, de acordo com suas hipóteses de trabalho.

Já, em “*Proust et l’art des profils relativisés*”, Guilherme Ignácio da Silva trabalha com citações, também de *A la recherche du temps perdu*, para mostrar como Proust descreve as personagens e suas relações com o espaço, o tempo.

¹ PROUST, M. **Contre Sainte-Beuve**. Préface de Bernard de Fallois. Paris: Gallimard, 1954.

² FALLOIS, B. de. Préface. In: PROUST M. **Contre Sainte-Beuve**. Paris: Gallimard, 1954. p.9-34.

Outros autores do século XX aparecem neste volume e, entre eles, está Marguerite Duras (1914-1996), com dois artigos: “O olhar durassiano” e “*Moderato cantabile: amour et mort*”.

No primeiro, Karina Ceribelli Roy trabalha o papel do observador e do exibicionista que, diz ela, é uma obsessão nos livros durassianos, e marca as relações amorosas entre seus personagens. A relação entre o *voyeur* e aquele que sente prazer em se expor estaria ligada a um trauma de infância da autora. A análise apresentada utiliza exemplos de *Dix heures e demie du soir en été* (1960), *Le Ravissement de Lol V. Stein* (1964), *Détruire dit-elle* (1969) e *India Song* (1973). Em todos esses romances, o leitor encontra a subversão do esquema tradicional amoroso.

Maria Cristina Vianna Kuntz analisa *Moderato cantabile*, romance que Marguerite Duras publicou em 1958, e que a autora considera determinante para mudar sua trajetória de escritora. Kuntz mostra nesse artigo de que maneira a transgressão da protagonista não é apenas uma história de amor e traição, mas é também a narrativa especular que se desenvolve a partir da reflexão sobre um crime.

Outro autor do século XX é abordado no volume: Julien Green (1900-1998). Em “A expressão religiosa em Julien Green”, Cristina Francisca de Carvalho Porto tece uma breve discussão sobre a expressão religiosa servindo-se de alguns temas recorrentes na narrativa desse autor, cuja produção se iniciou na década de 20. Na análise que faz de *Le voyageur sur la terre*, a articulista atenta para a expressão da espiritualidade sob o ponto de vista da religião católica professada por Green.

Em “*Dans la guerre: um olhar feminino sobre a guerra*”, Maria Estela dos Santos Lima quer apresentar Alice Ferney, nascida em 1967, ao público brasileiro. Ela faz a leitura dessa obra, publicada em 2003, da autora contemporânea, cujo verdadeiro nome é Cécile Brossellet-Graviloff. Nela, como nas outras que publicou, Ferney deixa perceber suas pequenas obsessões: o tempo que passa, o outro, o silêncio e, principalmente, o papel da linguagem nas relações humanas.

Por fim, saindo do século XX, o volume completa-se com um texto de Álvaro Faleiros sobre “Romantismo, modernidade e as poéticas de Baudelaire e Mallarmé”, que trata do que ele chama uma primeira modernidade literária, com Baudelaire, e uma segunda, poética, com Mallarmé. Nos dois casos, é preciso recuar, evidentemente, ao romantismo alemão, de Iena, no século

XVIII, e examinar seus princípios, que foram depois desenvolvidos pelos modernos franceses, que asseguraram a esses princípios sua forma mais radical.

Guacira Marcondes Machado Leite

